

Com apoio de Lula, Pacheco bate bolsonarista na eleição do Senado

Pacheco e Lira são reeleitos no comando do Congresso

Disputa no Senado foi mais acirrada. Com ações nos bastidores, Lula, Moraes e Michelle Bolsonaro entraram na campanha

O presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG), foi reeleito ontem para comandar a Casa pelo próximo biênio. Com apoio de 49 colegas, oito a mais do que os 41 necessários, o parlamentar derrotou o bolsonarista Rogério Marinho (PL-RN), que recebeu 32 votos. Eduardo Girão (Podemos-CE) desistiu da disputa.

Pacheco sempre foi favorito, mas desde a última semana o Executivo e até o Judiciário entraram na campanha para reforçar sua recondução ao cargo. O presidente Luiz Inácio Lula da Silva escalou ministros do governo para negociar nos bastidores e prometeu liberar cargos de segundo e terceiro escalão que vêm sendo pleiteados por parlamentares – há reclamações recorrentes de que o PT travou as indicações.

O mineiro também conquistou colegas por meio de negociações de vagas em comissões e na Mesa Diretora. O ministro do Supremo Tribunal Federal Alexandre de Moraes telefonou a senadores e pediu pela reeleição de Pacheco, apelando a um discurso sobre a “manutenção da democracia”.

Já a ex-primeira-dama Michelle Bolsonaro foi pessoalmente ao Senado para entrar na campanha de Marinho, que foi auxiliar de Jair Bolsonaro. Ele ocupou o Ministério do Desenvolvimento Regional, uma das pastas com mais recursos do orçamento secreto.

Após a vitória, Pacheco disse que a “polarização tóxica” no país deve ser “erradicada” e defendeu união e pacificação:

– Pacificação não significa se calar diante de atos golpistas. Pacificação é buscar cooperação. Pacificação é lutar pela verdade. Pacificação é abandonar o discurso de nós contra eles e entender que o Brasil é imenso e diverso, mas é um só. O Brasil é um só.

Lasier sai, Mourão entra

• Senador eleito, Hamilton Mourão (Republicanos) disse que irá trabalhar por pautas ligadas ao desenvolvimento econômico do país, como as reformas tributária e administrativa, o equilíbrio fiscal e a educação de qualidade. Acrescentou que saúde e segurança pública são temas a serem defendidos por ele.

Pacheco foi eleito ao comando do Senado pela primeira vez em 2021, pelas mãos de Davi Alcolumbre (União Brasil-AP). Aliado, o senador foi colocado em uma posição de destaque na primeira gestão do mineiro, na presidência da Comissão de Constituição e Justiça da Casa. Agora, contudo, a intenção de Pacheco em manter a distribuição de forças no Senado tem incomodado os pares.

Desgaste

O senador também se desgastou com sua proximidade do Judiciário, que derrubou em dezembro o orçamento secreto, apesar de apelos pessoais de Pacheco a cada ministro do STF. Isso chegou a ser usado como “plataforma de campanha” de Marinho, que se pautou em um discurso de defesa dos parlamentares e dos interesses da Casa. Defensores da candidatura de Marinho querem impeachment de ministros do Supremo e uma CPI para investigar o que chamam de “abusos” do Judiciário.

Pela frente, agora, Pacheco tem o desafio de se equilibrar para presidir um Senado com oposição forte (o que ficou demonstrado pelo tamanho da votação em Marinho), em um ano que começou marcado por ataques aos três poderes.

Os 27 senadores eleitos em outubro de 2022 tomaram posse ontem, em cerimônia realizada na Casa. Hamilton Mourão (Republicanos-RS) foi o senador do Rio Grande do Sul que tomou posse na cerimônia, uma vez que Paulo Paim (PT-RS) e Luis Carlos Heinze (PP-RS), que completam a bancada gaúcha, foram eleitos em 2018 e estão no meio de seus mandatos. Hoje, serão escolhidos os integrantes da Mesa Diretora do Senado.

• Após oito anos de mandato, o comunicador Lasier Martins (Podemos) se despediu do Senado ontem. Aos 80 anos, Lasier já disse que irá aproveitar o mês de fevereiro para refletir sobre o futuro. afirmou que poderá voltar à advocacia, à comunicação e à política.



Parlamentar mineiro venceu por 49 votos a 32 e presidirá o Senado por mais dois anos

Votação recorde e poder do centrão reforçado

O presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), foi reeleito ontem para mais dois anos no cargo com a maior vantagem de votos na história da Casa desde a promulgação da Constituição. Foram 464 votos.

Lira assume a condição de principal força política no Congresso com quem o governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva terá que manter diálogo. Empoderado, o político alagoano deu ao centrão os principais postos de comando da Casa.

Chico Alencar (PSOL-SP) e Marcel van Hattem (Novo-RS), os outros na disputa, tiveram 21 e 19 votos, respectivamente. Foram cinco votos em branco.

Na votação, o reeleito superou os 434 obtidos por Ibsen Pinheiro (PMDB-RS), em 1991, e João Paulo Cunha (PT-SP), em 2003. Lira usou o cargo para distribuir recursos e benesses aos colegas da Casa. Só em benefícios foram R\$ 70 milhões, incluindo até mesmo aumento na ajuda de custo para deputado pagar aluguel em Brasília. Sem o orçamento secreto, mecanismo de distribuição de recursos públicos sem transparência que foi declarado inconstitucional

pelo Supremo Tribunal Federal (STF), Lira recebera pressão do baixo clero para garantir privilégios aos colegas.

Na chapa que montou para dirigir a Câmara, Lira deu mais protagonismo a seus aliados mais próximos. O Republicanos e o União Brasil acumularam a vice-presidência e a primeira-secretaria (que controla as despesas da Câmara) com os presidentes nacionais das legendas, Marcos Pereira (SP) e Luciano Bivar (PE), respectivamente, nos principais cargos na Mesa Diretora indicada por Lira.

Barganha

O PT tem a deputada Maria do Rosário (PT-RS) na segunda-secretaria, vaga de menor importância, cargo que já ocupava durante o governo Jair Bolsonaro. O atual presidente da Frente Parlamentar Evangélica, Sóstenes Cavalcante (PL-RJ), ficou com a segunda vice-presidência. Dois deputados do centrão, Júlio César (PSD-PI) e Lucio Mosquini (MDB-RO), ocupam a terceira e quarta secretarias.

O amplo apoio político significa

mais poder de barganha para Lira, que terá o centrão nas negociações com Lula, em troca da aprovação de projetos de interesse do Executivo. O governo vinha segurando as nomeações de apadrinhados por políticos na espera do resultado da eleição das presidências do Congresso. Lira agora será um dos principais interlocutores junto ao governo na indicação de cargos no Executivo.

Em 2021, o presidente da Câmara teve 302 votos e o apoio de 11 legendas. Neste ano, ele conseguiu reunir o principal partido da oposição (o PL), o governo (liderado pelo PT) e o centrão (encabeçado pelo União Brasil) em favor de sua candidatura.

Ontem, ao pedir votos da tribuna da Câmara, exaltou os trabalhos feitos durante sua gestão no comando da Casa e avisou que não será submisso ao governo federal. Ele também fez defesa “ao sagrado direito à nossa liberdade de expressão”, desde que não represente uma ameaça à democracia. O alagoano disse que “o Brasil tem pressa” e destacou que é preciso enfrentar imediatamente a questão tributária.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Zero Hora - Porto Alegre/RS

Seção: Parlamento **Página:** 10